

Quando a natureza fala mais alto...

Pousou um sabiá bem no galho mais baixo da minha mangueira. Cantava tanto o danadinho! Eu, deitada na rede o admirava. Ele parecia saber que eu o olhava. Mais se aprumava e mais dobrava o seu canto, num talento impar dos sabiás cantores. Digo cantores porque há aqueles que só pousam ali para furar as mangas maduras, beliscá-las e se lambuzarem do prazer doce que elas lhes proporcionam. Parei o balanço para não assustá-lo. Quase não respirava. Qualquer barulhinho o afastaria dali. E eu não queria! Queria tê-lo bem diante de meus olhos e ouvir seu canto e me encher de poesia. Canto de sabiá é um canto poético, sabia? Em tons altos parecia dizer-me VIVAVIVA! Em tons mais baixos A VIDA É BELAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA! Misturava tudo e

entremeava com um trinado maravilhoso

TRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAATE

TRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAATE. Saía uma canção que eu conhecia muito bem, mas não queria ouvi-la naquela hora.

Pedi-lhe: "Cante outra música, meu sabiá, essa me entristece." Nada. Ele continuava: VIVA VIVA A VIDA É BELAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA VIVA VIVA A VIDA É BELAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA...

TRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAATE

TRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAATE... Não queria mais saber do sabiá. Recomecei meu balanço e, azar, se ele fosse embora... que fosse tarde e para bem longe!

Mas a ave permaneceu ali, dobrando o canto, mudando o trinado e me observando. Não era mais eu quem o admirava. Naquela hora o sabiá me enfrentava com sua melodia, esta de qualidade tão superior a de outras aves que o tornava

majestoso. A VIDA É BELAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA
VIVA VIVA VIVA; BELA É A
VIDAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA TRATE DELA COM
CARINHOOOOOOOOOOOOOOOOOO VVVVVVVVVVVVVVVVVVVVVVV
VVVVVVVVVVVVVVVVVVVVVV... - deu uma parada. Parecia olhar para

mim. Virei para o outro lado e fingi dormir.

O sabiá foi embora... Senti-me arrependida pelo que fizera com a pobre ave e triste por estar ali sozinha... Perdida em meus pensamentos e com a falta de sensibilidade que me fizera perder um amigo...

De repente, um som alto... Música de Lulu... Quem escutava a naquela altura?! Levantei-me brava! Fui até a sala onde o aparelho de som ficava e, pensando ser meu filho nem perguntei, já entrei bronqueando: "Abaixa esse sommmmmmmmm!"... O pássaro, pousado na tecla play, parado, me encarou... a música continuava: "Não adianta

fingir nem mentir rrrrrrrrrrrrr pra se messssssssssssmo,
agora, há tanta vida lá foraaaaaaaaaaaaaa, aqui
dentroooooooooooooooooooooo, como uma onda no marrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr!"
Não me restava mais nada: espantei o sabiá dali... e depois
dessa minha atitude tão covarde: Chorei.

(Bia Carvalho)